

SUMÁRIO

- 1 *Just look into my eyes* 9
- 2 *The world is treating
me bad. Misery.* 23
- 3 *Help me get my feet
back on the ground* 43
- 4 *Lend me your ears
and I'll sing you a song* 57
- 5 *All the lonely people,
where do they all come from?* 75
- 6 *Let it be, let it be, yeah.
There will be an answer, let it be...* 89

*Para Laine: por todos os motivos.
E por muito mais.
Para Helena e Carolina: nossos sonhos.*

● 1

*JUST LOOK INTO MY EYES...*¹

— NÃO, MARCELO, você não nasceu de mim!

Ela disse. Falou o que eu queria-temia escutar. Falou. As palavras foram claras. Sem sombras. Sem dúvidas. A confirmação ali, naquela frase tão simples. Tão. Não era minha mãe. Não era. E, no entanto.

Estendeu a mão. A mão que muito carinho já me fizera. A mão. Tremia? Queria ser toque. Acarinhando meu cabelo, daquele jeito calmo que eu tanto gosto. Gostava.

Leve toque em meu braço.

Fugi.

Lágrimas nos olhos dela. E nos meus.

Fugi para o meu quarto.

Único abrigo naquela casa que agora me parecia por demais estranha. Ela não era minha mãe. Mas e se? Não, não era. Suas palavras, naquela voz que não tremeu,

¹ Cada capítulo da história que você vai ler é aberto por versos de canções dos Beatles. Este primeiro é de “Any time at all” (1964). Como o protagonista adora Beatles e cita muitos versos das canções, títulos das canções e dos CDs, padronizamos da seguinte maneira: as canções vão entre aspas, os versos das canções em itálico e os títulos dos CDs, também em itálico. [N. da E.]

naquela voz que, talvez, havia muito tempo desejasse ser, e foi, revelação, não deixavam dúvidas. *Você não nasceu de mim.* De quem, então? Ela respondeu apenas à primeira, à principal, pergunta. Muitas outras agora me invadem e, tenho certeza, me invadirão para o resto da vida.

Você não nasceu de mim. E ponto. Final.

De quem, então?

Eu não sou eu. Não sou o Marcelo. Ou sou?

Meus irmãos não são mais meus. Nunca foram. Meu pai também não. Tudo falso, uma grande mentira. E dói. Vida de fantasia. Ficção, como diz a professora de literatura como último argumento contra aqueles caras chatos, com suas perguntas cretinas, a exigirem lógica de um texto, quando lógica não pode haver. A ficção, a poesia: elas não têm lógica. A vida também não. Só agora descubro. Eu mesmo personagem de uma história inacreditável, querendo respostas que talvez nem minha mãe tenha. Quer dizer, aquela que eu acreditava ser minha mãe, aquela que agora chora na sala. A Inês.

Passo os olhos pelo quarto: as paredes na cor que escolhi, as miniaturas de automóveis acumuladas nesses quinze anos de vida de mentira, meus livros, meus CDs, os quatro garotos de Liverpool, que no quadro feito por mim viraram cinco. Tudo, e nada.

Sou um nada.

A batida na porta. Leve, nós dos dedos, querendo mas temendo ser interrupção. As lágrimas vêm. Bebo o sal. A voz:

— Marcelo.

Escondo a cabeça sob o travesseiro. Não quero ouvi-la.

— Meu filho, abre.

Não abro. Você mentiu. Me enganou. Não sou seu filho.

— Abre, meu filho, precisamos conversar.

Dói saber que ela está ali, que ela está sofrendo. Sento na cama. Eu sofro também. Não posso abrir, não quero, não agora. Ela insiste. Bate. Me chama de meu filho. Me atiro sobre a cama de novo, só quero ficar ali, atirado, olhos que fitam o teto e buscam nele alguma resposta, um consolo talvez. Não quero meus olhos nos olhos dela, pelo menos agora não.

Meu pai, meus irmãos, minha casa, minha mãe, nada é meu de verdade. Sou só eu, só eu. Só.

— Meu filho, por favor, abre.

— Agora não. Me dá um tempo — consigo dizer. Um tempo, preciso de um tempo para. Sei lá para quê. Sei lá. Sei é nada. As palavras dela a dizerem que eu não nasci dela. A suspeita que eu desejava não confirmada ali entrando em mim como faca em mão traiçoeira. Minha família não existia de fato.

— Está bem, Marcelo. Depois falamos.

Os passos afastaram-se, lentos. A cabeça dela talvez também quisesse explodir como a minha. Por que não negou? Por que não seguiu mentindo? Não seria melhor? Agora talvez ligasse para o meu pai. Ele largaria seus afazeres, deixaria a namorada na mão, sexta-feira à noite, e viria correndo tentar, como sempre, ajeitar aquilo que arrumação não tinha mais. Meu pai?

Na foto dos garotos de Liverpool, ele é o primeiro a atravessar a rua. De terno branco. Nós o seguimos, firmes, sobre a faixa de segurança. A mãe, eu, a Maria e o Ramiro. Como sempre. *Na ordem em que entraram na minha vida*, dizia aquele que eu acreditava ser meu pai. E ria, e nos abraçava, e nos queria tão bem que não conseguíamos perceber de qual ele gostava mais. Se é que isso existia. Meus amados. Era assim, bem assim, que nos chamava. Desde sempre, e ainda hoje.

Nem quando resolveram se separar, sofri como agora. Os dois reunindo a gente na sala, revelando que o pai iria sair de casa, que ele e a mãe tinham resolvido assim, que seria melhor para todos nós. Eu, o Ramiro e a Maria nada entendendo. O pai abraçando cada um de nós, dizendo que nada iria mudar, que seguiríamos amigos.

[CENA 1] **A separação**

Maria foi a última a sentar-se na sala. Veio do quarto devagar, parecia já saber o teor da conversa que teríamos. Pegou a mão da mãe e baixou a cabeça, deixando os cabelos esconderem o rosto, os olhos claros, como sempre fazia quando alguma coisa a incomodava. Silêncio. A TV desligada, uma motocicleta cruzando a rua em parada. Era uma noite de quarta-feira.

— Tá, estamos todos aqui — eu disse. E se disse foi por saber que eu era o filho mais velho, foi por me sentir na obrigação de abreviar tudo aquilo. O pai olhou para

a mãe. Ela deu um sorriso meio acanhado e ao mesmo tempo encorajador, como se dissesse *Tá, Pedro Paulo, vai, fala*. E ele falou:

— Olha, meus amados, eu e a Inês temos conversado, não é de agora, sobre o nosso casamento. E reunimos vocês aqui para comunicar algo bastante importante.

Maria ergueu a cabeça e seus grandes olhos azuis buscaram acolhimento nos meus. Todos, na verdade, já sabíamos o que nosso pai iria anunciar. Maria, talvez, fosse a menos preparada para ouvir. Olhos já brilhantes pelas lágrimas que ameaçavam saltar no momento em que nos fizessem ouvir a decisão. Deles.

— Bem, é que — prosseguiu, o rosto passeando pelos nossos, que o fitávamos, até mesmo Maria desistira de mim e agora cravava os seus azuis nos azuis do pai. Tentativa, quem sabe, de fazer com que ele desistisse. Engano dela. Ele não faria isso. — É difícil, foram dezoito anos de convivência, vocês são e serão sempre minha família, mas é que...

— Você está indo embora. É isso? — Maria, voz meio falhada, uma lágrima já escorrendo pelo rosto. A mãe apertando firme sua mão.

— É isso, meus amados. É isso — suspiro profundo.

— Minha filha — era a mãe que falava — seu pai vai ser sempre seu pai. Pai de todos vocês. Mas, enfim, as coisas que começam às vezes terminam. E com a gente ocorreu assim, eu e Pedro Paulo não nos amamos mais, não como marido e mulher, nos amamos só como amigos.

— É isso, é isso — concordou ele.

A mãe seguiu dizendo que, depois de muito conversarem, optaram pela separação. Não valeria a pena ficar junto só por ficar, só para manter aparências.

— Vocês já são bem grandes, são capazes de entender, não?

— Entender a gente entende. Mas não me peçam pra gostar — Maria disse, entre soluços. Ergueu-se, foi até a janela. De lá, voltou-se, o rosto em desafio a olhá-los.

— Olha — era eu de novo, na obrigação de falar, afinal era o filho mais velho. — Não sei direito o que vocês esperam da gente. Compreensão? Aprovação? A gente nunca percebeu nada de errado. Vocês perceberam? — A pergunta era para meus irmãos, que me olharam e nada responderam. Minha mãe buscou refúgio nos olhos do meu pai. Ele permaneceu com os dele fixos em mim. Prossegui. — Vocês, como o pai bem disse no início desta conversa, já decidiram. Portanto, este encontro é só para comunicar. O que eu, a Maria ou o Ramiro pensamos desta separação não fará a mínima diferença.

— Não é assim, meu filho.

— Não, mãe? Quer dizer que, caso a gente peça, implore, chore ou sei lá o quê, vocês podem mudar de ideia?

— Marcelo, você está sendo infantil. E você é o mais velho.

— Discordo, pai. Estou apenas mostrando pra vocês que nossa opinião não interessa. Vocês vão se separar e pronto. Não é assim?

— É, meu filho, é — minha mãe sentou-se ao meu lado. Afagou meu cabelo, toque que eu tanto gosto. Abraçou o Ramiro, mudo, meio abobalhado diante da perspectiva que se apresentava. Tão envolvido com seu grupo de teatro amador e suas atividades beneficentes que nem percebia que os nossos pais não se amavam mais. O que teria mudado? O pai ou a mãe teriam se apaixonado novamente? Pensei em perguntar, mas achei que tal pergunta só complicaria as coisas ainda mais.

— O Marcelo tem razão — era Maria, de novo. Após suspirar fundo, talvez para buscar forças, disse: — Que pais se preocupam com o que os filhos pensam quando resolvem se separar? Eu não conheço nenhum. Por que vocês seriam diferentes?

— Não seja injusta, Maria. Vocês estão de cabeça quente. Precisam de um tempo pra pensar, para se acostumar com a ideia. — Meu pai se ergueu, abraçou cada um de nós, disse que sempre e sempre seria nosso pai, que nada mudaria isso, que continuaríamos sendo uma família e que a única diferença é que não moraria mais conosco. Só.

— Só? — suspirou Ramiro.

Nossos pais decididos, fomos para nossos quartos com a certeza de que agora seríamos, como vários colegas de escola, filhos de pais separados. Deitei, nos ouvidos a música dos Beatles, os olhos parados no teto. Pais separados não devia ser o fim do mundo. O Cristiano não tinha seis meses quando os dele se separaram? E

nem por isso ele morreu. Morreu? Era um cara bacana, de bem com a vida. Devia haver coisas bem piores do que a separação dos pais. Devia. Só que eu, naquela época, não conhecia.

Me arrasto pela cama, estendo a mão até a estante, pego um CD ao acaso. Enfio no aparelho, que o engole, pressiono o botão. Música dois: “With a little help from my friends”. Com uma ajuda dos meus amigos. Os rapazes de Liverpool cantam pra mim.

My friends, my family. Meus amigos, minha família.

Vai demorar muito para o meu pai chegar? Além dos dois, quem sabe que não sou filho deles? A vó? A dinda Letícia? Todos terão participado da brincadeira, com certeza. Como não desconfiei antes? O único que não tinha fotos da mãe grávida para levar à escola, quando a professora pedia. Fotos minhas, quando bebê, havia. Muitas. Mais que do Ramiro ou da Maria. Mas aquelas, mãe com o ventre enorme, arredondado, que enfeitavam as paredes da sala de aula da pré-escola, ah, aquelas eu nunca vi. *Perdemos todas numa mudança*, mentiu Inês na ocasião em que lhe perguntei. Tudo perdido. *Foi uma pena*, confirmou Pedro Paulo. Os dois, talvez, até tivessem se olhado, cúmplices. Quem sabe naquela noite, sozinhos no quarto, não tenham comentado o sufoco que passaram com a minha pergunta. A mentira-resposta certamente já prevista e ensaiada havia muito tempo, mas o momento fora imprevisto. Como a pergunta que lancei a ela na sala.

— Mãe, eu sou seu filho?

— Como assim, Marcelo? — Os olhos azuis desviados, meio bêbados, a procurar algo, que nem ela mesma sabia ao certo, pela sala. Queria ganhar tempo, pensar uma saída para a arapuca que eu lhe havia preparado.

— Eu nasci de você? — Tentei ser mais explícito. Tentei deixar claro que queria saber se era adotado. Queria a verdade. Só a verdade. E ela veio.

— Não, Marcelo, você não nasceu de mim!

Eu não nasci dela. Não.

Impressionante isto: por vezes, a vida da gente dá uma guinada louca, nos conduz a um lugar que jamais seria possível pensar alguns momentos antes e que, por outro lado, aos poucos, passa a ser uma possibilidade, através das pistas que vamos colhendo aqui e ali. Um mais um e vem a soma derradeira: dois. Um mais um é sempre dois. Sempre.

A ausência das fotos, a cor da pele e dos olhos, sinais negados quando criança e que, após a aula de biologia, foram tomando a forma de tormento, de certeza. Uma certeza, entretanto, que era só minha. Não partilhada com ninguém. Certeza que ia se fazendo dúvida, e poderia ter sido sempre assim, caso eu não ousasse fazer a pergunta. Mas eu fiz. E ela foi sincera. Pela primeira vez. Quem sabe pela ausência do Pedro Paulo, nossa segurança. Ele, talvez, a censurasse. *Por que não me ligou? Por que não me consultou, Inês? Você não podia ter tomado tal decisão sozinha. Não podia. Como é que você foi dizer pro Marcelo que ele é adotado? Como, Inês?* E ela, entre choro e tentativas de explicação, toda

confusa, pedindo desculpas, dizendo estar desesperada. *E o Marcelo como está?*

Todavia, Inês deixara o coração falar e a mentira de quinze anos foi desfeita diante de mim. Nós dois na sala. Nós e a verdade. E eu, como estou? Pergunta que todos se farão. Pergunta que eu me faço também. E não encontro resposta clara. Como estou?

A noite se aproxima. Temo ter de passar por ela.

Batem na porta.

— Sou eu, mano.

É o Ramiro. Meu irmão. Será que já sabe da verdade? Não respondo. Gosto demais dele pra deixar que a dor, a raiva, a angústia ou sei lá o que sinto agora seja atirado sobre ele. Agora não, Ramiro, prefiro ficar sozinho. Só eu e a verdade.

Ele não insiste. Meu irmão.

A little help from my friends, acompanho a música. A palavra *help*, um socorro, vibrando dentro de mim. Meus olhos percorrem a cômoda. Estão todos lá. Meus amigos de escola, meus pais, o Ramiro e a Maria. Todos. Os verdadeiros, agora, acho que apenas os amigos. *My friends*. E a DJ.

DJ. Ela precisa saber. Precisa. Quem mais poderá ouvir a dor que anda solta bem dentro de mim, senão ela? Quem mais? Olho seu sorriso emoldurado no retrato preto que ela me deu no dia do meu aniversário. A DJ. Só ela. O traço de lápis negro ao redor dos olhos escuros. O sorriso.

Ergo o fone. Disco o número. Do outro lado, sua voz rouca me acolhe.